

Chegamos ao sexto número da *Revista Docomomo Brasil*

Chegamos ao sexto número da *Revista Docomomo Brasil* – a primeira aberta a temas livres e avaliação duplo-cega. Esta etapa celebra uma conquista fundamental para a continuidade e reconhecimento do periódico lançado em 2017. As premissas estabelecidas pela Comissão Editorial inicial - Luiz Amorim, Márcio Cotrim e Cristiano Borba- são o fundamento e guia. As cinco primeiras edições buscaram garantir inserção e alcance para um amplo leque de interessados no movimento moderno publicando tanto pesquisadores de renome como veiculando reflexões produzidas para os Seminários bianuais do Docomomo Brasil.

A proposta de privilegiar submissões de artigos com tema livre para compor os números 6 e 7 da revista tinha por objetivo motivar o envolvimento de pesquisadores, filiados ou não, ao Docomomo Brasil, tendo sempre como foco a modernidade e seus desdobramentos compreendidos em suas múltiplas dimensões.

Esta chamada foi lançada em 2020 na fase mais crítica da pandemia do COVID 19 e contou, ainda assim, com uma adesão expressiva de quase duas dezenas de pesquisadores. A seleção dos artigos foi realizada sempre com muito respeito e consideração aos autores e aos princípios do Docomomo Brasil. Acreditamos que dessa maneira estamos contribuindo para expandir e consolidar as reflexões sobre a nossa modernidade.

A revista mantém a organização em duas seções: Artigos e Projeto. Na primeira, os artigos apresentados enfatizam a reflexão sobre os paradoxos da modernidade no Brasil e suas formas de expressão. São lançados novos olhares e interpretações sobre a produção arquitetônica, paisagística e urbanística, entendidas a partir das relações estabelecidas com a sociedade de um determinado tempo e lugar. Esta seção é, também, o reconhecimento da contribuição artística e patrimonial da modernidade, parte indissociável das ações de conservação e restauro.

Na seção Projeto a ênfase recai sobre as experiências práticas de restauração de edificações, sítios e unidades de vizinhança, como preconizado em nossa denominação, e de outras expressões artísticas do Movimento Moderno. A intenção é estimular o debate sobre os princípios que norteariam as respectivas intervenções, os procedimentos adotados para a análise dos objetos em suas diversas dimen-

sões – materiais, históricas, simbólicas – bem como técnicas de restauro, condições de uso e ocupação, envolvimento e participação dos diversos atores sociais e demais elementos relevantes da ação restauradora.

Você se lembra? A importância da memória em tempos de crise e esquecimento, de Daniella Martins Costa, abre a seção Artigo. O ensaio evoca a cidade fictícia de Macondo, descrita por Gabriel Garcia Márquez em *Cem anos de solidão*, para refletir sobre a importância da memória em momentos de isolamento social. Para tanto, Costa oferece ao leitor uma instigante interlocução entre diferentes sentidos da memória, registrada em passagens da obra ficcional e, de modo igualmente primoroso, a partir de diferentes acepções filosóficas do termo. Qualquer semelhança entre ficção e o que se convencionou denominar realidade não é, certamente, uma coincidência fortuita. Somos todos, de certo modo, Aureliano Buendía: tentamos controlar nossos medos, preservar nossa memória, lutar contra o esquecimento.

A Filosofia da História de R. G. Collingwood e a tese de cátedra de Lina Bo Bardi, de Thais Saboia Martins, relaciona os escritos sobre Filosofia da História, presentes na obra *Autobiografia* (1938), do filósofo Robin George Collingwood, com as reflexões sustentadas por Lina Bo Bardi na tese defendida para o concurso da Cadeira de Teoria da Arquitetura da FAU/USP, em 1957. Dos temas tratados por Collingwood, Lina destaca a ideia de que o passado histórico é um passado presentificado pelo ato do pensamento histórico, o que pressupõe a sobrevivência de uma maneira de pensar integrada a novos paradigmas, em atitude de permanente diálogo entre passado e presente. A História não deve ser, portanto, entendida como “*una cosa da forbici e colla*”, mas revivida em seus problemas fundamentais, dotados de transmissibilidade e fecundos de ensinamentos.

Robin Hood Gardens: uma batalha entre o antigo e o novo, de Carolina Marques Chaves Galvão, examina a vulnerabilidade do patrimônio cultural edificado no século XX. Valendo-se do controvertido processo de requalificação da região de Poplar, em Londres, a autora disserta sobre os critérios que determinaram a não inclusão do conjunto residencial Robin Hood Gardens (1967-1972) na lista de patrimônio inglês, fato a permitir a demolição parcial de uma obra referencial à

modernidade do segundo pós-guerra. Por meio de exaustiva coleta de fontes primárias, Chaves alerta para a necessidade de ampla discussão a acerca do legado do Movimento Moderno, reafirmando o tema da habitação social e da preservação de conjuntos urbanos, em relação à qualidade das soluções projetuais e à participação desses complexos habitacionais na dinâmica contemporânea.

Arquitetura efêmera: o Catetinho - palácio, museu... catedral? encerra a seção Artigo. Este ensaio de Maritza Dantas e Ana Elisabete Medeiros investiga a efemeridade na arquitetura, tendo como base o estudo do Catetinho, considerado a primeira construção de Brasília, em perspectiva preservacionista. A transformação dessa obra, de caráter inicialmente efêmero, em patrimônio cultural, carrega consigo uma intrigante problematização acerca de sua permanência e estabilidade temporal. Para tanto, as autoras recuperam discussões postas pelo artigo De Palácio de Tábuas a museu, que defende o edifício como “catedral” da efemeridade. Como tal, carrega uma essência ou substância que, mesmo intangível, é capaz de se manter viva e presente na memória coletiva, criando um fio inteligível de significados, por vezes impermanente, ao longo do tempo.

A Fachada e a Grelha: Edifícios Bristol e Júlio Barros Barreto, de Mara Oliveira Eskinazi e Pedro Engel Penter, abre a seção Projeto. O artigo examina as soluções de dois exemplos icônicos da produção residencial carioca, valendo-se da articulação entre fachada e grelha. Com base nas proposições de Fanelli e Gargiani, os autores indagam de que modo os elementos de estrutura e fechamento, combinados, estabelecem distintos modos de relacionar interior e exterior. A análise dos planos de fechamento recupera temas fundamentais à afirmação da modernidade brasileira. Por um lado, o entendimento da fachada como elemento de transição dilatada. Por outro, igualmente relevante, o emprego de filtros como dispositivos arquitetônicos polivalentes, que atuam com função de proteção, mas também como dispositivos plásticos.

O artigo **Plataforma rodoviária de Brasília: espaço modelo do desenvolvimentismo brasileiro**, de Diogo Augusto Mondini Pereira, também coloca em discussão as soluções de projeto de uma edificação icônica. A plataforma rodoviária de Brasília combina, na avaliação de diversos autores, o imaginário modernista de infraestrutura de transporte, edifício e cidade ao ideário modernizador de cunho estatal, pautado pela urbanização, industrialização e, sobretudo, pela integração nacional baseada na rodoviarização. Na avaliação de Pereira, é ambígua a releitura dos preceitos deste projeto em diversos centros urbanos brasileiros, na medida em que são explicitadas contradições intrínsecas ao próprio desenvolvimentismo brasilei-

ro, muito além de não lograr a significação comparável aos desígnios da cidade visionária plasmada por Lucio Costa.

Memorial Darcy Ribeiro de João Filgueiras Lima: precursão da fabricação digital em Brasília, analisa os processos construtivos do Memorial Darcy Ribeiro, informalmente conhecido como Beijódromo, de autoria de João Filgueiras Lima, o Lelé. O artigo de Igor Lacroix e Neander Furtado Silva, que desfecha a presente edição da *Revista Docomomo Brasil*, investiga a concepção projetual associada à fabricação digital que, neste estudo de caso, envolveram o uso de maquinário controlado numericamente por computador. Segundo os autores, Lelé, detalhou a obra consciente das limitações construtivas do processo metalúrgico. Tal fato inscreve o nome do arquiteto como precursor da utilização da fabricação digital, não havendo alternativa mais apropriada para construção do edifício no instante de sua concepção.

Que a lição dos grandes mestres possa ensejar novas reflexões em defesa da cultura brasileira. Especialmente neste momento em que acompanhamos, com apreensão e expectativa, a retomada da “normalidade pós-pandêmica”.

A Comissão Editorial abaixo-assinada espera ter contribuído para a consolidação das reflexões sobre o Movimento Moderno no Brasil e se por ora se despede agradecendo a confiança depositada.

Vida longa à *Revista Docomomo Brasil!*

Andréa de Lacerda Pessôa Borde
(PROURB/UFRJ)

Helio Herbst
(DAU/IT/UFRRJ)

Marta Silveira Peixoto
(PROPAR/UFRRGS)